

A POSTURA DO PROFESSOR E A POSTURA DO EDUCADOR

Modalidade: ACERVO DE MEMÓRIAS¹

Ariadna de SOUZA

Licenciada em Ciências com Habilitação em Biologia pela Universidade do Estado da Bahia

E-mail: arimsouza@bol.com.br

INTRODUÇÃO

12

Este artigo apresenta o resultado do Estágio de Observação, realizado dentre as atividades, da disciplina Metodologia de Ensino de Biologia (EDC 958), no semestre 2002.2, na Universidade do Estado da Bahia / Campus II, sendo referência o Estágio de Observação.

Através da observação direta, da prática docente de duas professoras de Biologia, na 2ª série do Ensino Médio, numa escola estadual, na cidade de Alagoinhas - BA, realizada no período de 22 a 28 de novembro de 2002, tenho como objetivo relatar minha observação através de uma peça teatral descrita em dois atos, tendo como embasamento teórico a etnocenologia.

A etnocenologia estuda as práticas e os comportamentos espetaculares organizados dos diversos grupos étnicos e comunidades culturais, estando associada às disciplinas científicas dedicadas à exploração e à análise do comportamento humano. O seu pressuposto é o corpo/pensamento: não há corpo sem pensamento, nem pensamento sem corpo. O pensamento é uma forma dilatada no espaço. O corpo é pensamento.

Como toda ciência, a etnocenologia não é um corpo de saber já constituído e dogmático, mas, ao contrário, uma direção dada, um elã em favor de um canteiro de investigação permanente.

PRIMEIRO ATO

O primeiro ato, da peça teatral, tem como espaço a sala de aula 13V1 composta de quadro branco, mesa do professor, carteiras, pela jovem professora Neuza e seus trinta e oito alunos.

PROFESSORA 1

Numa tarde de Quinta-feira às 13:00 horas, a professora Neuza se direcionou a sala 13V1 para dar continuidade ao conteúdo, chegando então a sala de aula, ela cumprimentou a todos presentes com Boa Tarde. Os alunos se encontravam dispersos, alguns já ocupavam a sala de aula, outros se localizavam nos corredores.

¹ Artigo sobre o Estágio de Observação, apresentado na disciplina Metodologia de Ensino de Biologia (EDC 958), ministrada pela professora Valdecí dos Santos, no semestre 2002.2, na Universidade do Estado da Bahia / Campus II - Alagoinhas.

A professora colocou seu material sobre a mesa, fechou a porta da sala e debruçou-se sobre a mesa pedindo aos alunos que abrissem o livro para corrigir as questões passadas na aula anterior. Enquanto, a professora Neuza chamava à atenção dos alunos presentes, para a correção, outros alunos que se encontravam fora da sala de aula iam entrando aos poucos, uns pediam licença, outros cumprimentavam com “Boa Tarde” e outros, simplesmente, entravam e sentavam de preferência junto a um grupo de colegas.

A professora deu início à correção e cerca de oito alunas, aparentemente, interessadas fizeram uma fileira em frente a mesa da professora e os demais se posicionaram no fundo, no centro e nas laterais da sala de aula sempre em grupos.

A professora debruçada sobre a mesa perguntou aos alunos: Alguém tem dúvida na questão de número dez?

As alunas, aparentemente, interessadas responderam: “não”. Professora questiona: Então qual é a resposta?

As alunas aparentemente interessadas responderam: é a letra C.

Muito bem, está correta, respondeu a professora. A professora, então, perguntou: e a questão de número 11, alguém respondeu?

Joana, aluna que fazia parte do grupo, aparentemente, interessado respondeu: Sim, é a letra A.

Está correta, diz a professora. Joana imediatamente falou: foi no chute.

E a professora, como se não estivesse escutado, continuou a perguntar: Quanto à questão seguinte, vocês têm dúvidas?

O grupo das oito alunas respondeu: esta não. Lílian, uma das integrantes do grupo falou: - deu letra D.

A professora acrescenta: é isso mesmo, está correta.

E assim continuou a correção. Quando a professora perguntou sobre a questão de número 15, Joana que já havia acertado a questão de número 11 no chute, falou: professora, não entendi está questão.

A professora fez uma expressão de assustada e disse: Joana não tem o que entender, você não sabe que o homem tem cromossomo Y e a mulher tem cromossomo X, logo é a letra C, expressou sua explicação no quadro.

Joana disse: continuo não entendendo.

A professora debruçada sobre a mesa disse: você não está vendo na genealogia, que o número 5 é filha do casal número 3 e 4, por isso ela herdou os cromossomos dos pais.

Joana gesticulou com a cabeça, representando uma expressão negativa e abaixou.

No momento que a professora esclarecia a dúvida de Joana, Emerson que fazia parte do grupo que se localizava no fundo, conversava em voz alta sobre uma festa que havia acontecido, atrapalhando a aula. A professora ficou de pé, cruzou os braços e calada, direcionou seu olhar para Emerson, ele nem percebeu, os outros colegas que escutaram chamaram a sua atenção. Emerson olhou para professora e continuou sua conversa em um tom de voz mais baixo.

A professora disse: quando você calar eu continuo a aula.

Emerson respondeu: pode continuar. E acrescentou: cuidado com o stress professora.

A professora voltou a falar: se continuar, vou pedir, para retirar-se da sala. E voltou as suas correções.

A sala permanecia em barulho, provocado pelos grupos dos alunos, supostamente, desatentos, conversando assuntos não referentes à aula, grupos de alunos respondendo questões de matemática e uns cinco alunos se encontravam de cabeça baixa, talvez dormindo.

A professora inúmeras vezes cruzou os braços e calou-se para chamar à atenção dos alunos, os quais dispersos não percebiam e a professora insistia falando: silêncio, prestem atenção. Os alunos que a ouviam permaneciam com as conversas, com o sono e a resolução

das questões de matemática, a professora voltou a se debruçar sobre a mesa e continuou a correção.

O sino tocou e os 50 minutos de aula se passaram, a professora pegou seu material, não apagou o quadro, deu tchau e saiu da sala, os alunos em voz alta e de alívio responderam: tchau, outros disseram: graças a Deus, já não agüentava mais.

A professora se direcionou a sala de aula 13V3 que se localiza ao lado da sala de aula 13V1, agora se inicia o segundo ato que tem o mesmo espaço, a mesma professora, porém com 36 novos alunos. Nesta sala se realizará um debate com o mesmo conteúdo, determinação genética do sexo.

A professora entrou na sala, cumprimentou-os com “Boa Tarde” e arrogantemente falou: o que estão esperando que, ainda, não se arrumaram em grupos.

Os alunos que se encontravam presentes responderam: não fizemos todas as questões e a professora mais uma vez, arrogantemente, falou: isso não é desculpa porque vocês tiveram uma semana para responderem a lista, vamos se arrumem para iniciarmos.

Enquanto os alunos se arrumavam, outros que iam chegando também justificavam a mesma coisa, não respondemos toda a lista, a professora que, também, não havia se organizado com antecedência, rapidamente ia cortando os papéis e colocando números de 01 a 40 que correspondiam as questões da lista, anotava também em seu caderno o nome dos alunos por grupo e a cada grupo composto de 4 componentes ela identificou os alunos por números de 01 a 04, foi uma correria para a professora se organizar, os alunos quando viram que não havia acordo por parte da professora se organizaram e esperaram a professora iniciar.

Antes de iniciar o debate, a professora pediu a aluna Priscila que tirasse o diskman. A aluna respondeu: pronto já desliguei, pode começar. A professora então falou: eu pedir que tirasse e não apenas para desligar. Com muita insatisfação, o que demonstrou a aluna, ela tirou o diskman.

Em seguida entram duas alunas, Fernanda e Márcia e falaram: professora nosso grupo está incompleto, pois Eduardo ainda não chegou e está com nossas respostas.

A professora grosseiramente respondeu: não tenho nada a ver com isso, arquem com as responsabilidades. E chamou a atenção da turma para um aviso, se o trabalho é em grupo um membro não acertando a questão todos do grupo perderam o ponto.

Os alunos não sabiam seus referidos números. Em um grupo composto por Marcos, Patrícia, Fábio e Eduardo cada um tinha seu número. Marcos era o número 1, Patrícia o número 2, Fábio o número 3 e Eduardo o número 4. A professora pedia a um aluno de outro grupo que dissesse um número de 01 a 04, o aluno respondeu número 2 que se referia a Patrícia, ela então sorteava um papel e de acordo com o número ela respondia a questão da lista.

Na primeira rodada, nenhum dos 9 grupos responderam as questões, pois não sabiam, na segunda rodada apenas 3 alunos representando seus grupos foram ao quadro responder as questões, todos os 3 alunos se encontravam ao mesmo momento no quadro respondendo as questões e a professora não deu a atenção devida aos alunos que respondiam, porque ela continuava a sortear novos alunos.

Foi uma desordem, os alunos apenas copiavam as respostas do caderno e não explicavam como responderam, porque chegou a esta conclusão. Um grupo de alunos queria saber sobre as respostas que se encontravam no quadro se estavam correta ou incorreta, mas a professora diante de tanta desorganização não respondeu as perguntas.

O sino tocou, acabou a aula e a professora apenas disse: na próxima aula damos continuidade, tchau. E os alunos aparentemente revoltados com o que aconteceu disseram: isso está errado, a professora não quer ouvir os alunos, se eu estava com dúvida agora piorou, eu não entendi nada, essas foram as falas de alguns alunos, outros se expressaram gesticulando com a face, com um olhar cabisbaixo e torcendo a boca.

Foi um debate que não houve discussão das questões e os alunos que se encontravam com dúvida, no final do debate possivelmente saíram mais confusos.

Trabalhando a prática docente da professora no ato 1 e no ato 2, percebemos que não houve a aplicabilidade de uma metodologia, da postura de professor como mediador do conhecimento.

SEGUNDO ATO

Destaco no segundo ato, a observação direta da prática docente de outra professora de Biologia, na 2º ano do Ensino Médio na mesma escola, no período de 22 a 28 de novembro de 2002.

PROFESSORA 2

Esta professora apresenta um comportamento diferente da professora 1. É uma professora com mais anos de experiência. Ela busca desenvolver a análise crítica do aluno, está sempre relacionando o assunto dado em sala de aula com o cotidiano, se preocupa em saber a teoria ou conceito do aluno referente ao assunto. Tive a oportunidade de observá-la no turno vespertino e noturno onde desempenha o mesmo trabalho.

A atividade realizada nas séries foram dois experimentos: célula e energia - fermentação; célula e energia - respiração. Sua discussão sobre esses experimentos foi para descrever o que aconteceu e explicar os resultados. A professora dividiu a sala em vários grupos e de acordo com os resultados de cada grupo houve as discussões sempre relacionando o resultado de um grupo com outro.

A professora deixa aparentemente explícito que é uma mediadora do conhecimento, se preocupando com o aprendizado do aluno de forma a repisar sempre que necessário o assunto e tem como meta, a educação como prática social que ocorre nas diversas instâncias da sociedade, onde seu objetivo é a humanização dos homens.

METODOLOGIA

A metodologia utilizada foi a observação direta, da prática pedagógica de duas professoras de Biologia, seus alunos e o espaço de suas salas de aula, no qual me posicionei registrando criticamente todos os movimentos, falas e gestos.

DISCUSSÃO

Observando diretamente a prática docente de duas professoras e analisando a divergência destas como mediadoras do conhecimento, tenho como fenômeno observado, a postura do professor e a postura do educador.

Na cotidianidade das práticas educativas foram observadas duas posturas: a postura que assume o predomínio das características do papel de professor e a postura que se compromete primordialmente com a missão de educador.

São bastante relevantes e demarcadas as diferenças entre as duas posturas. O perfil descrito sobre a postura do professor, visto na professora 1, assume os encargos do papel de instrutores que viabilizam a profissionalização dos indivíduos mediante conteúdos e técnicas funcionais e pragmática. Sendo prioritária a instrução para os papéis sociais, para o domínio dos saberes técnicos e instrumentais, que tendem a conformar esses indivíduos aos padrões sociais instituídos, onde os mesmos devem apenas reproduzi-los.

O professor cumpre obrigações, instrui para a profissão, instrumentaliza para o ter, reproduz saberes instituídos. O professor assume a função que incide na transmissão e na acomodação levando a adaptação dos indivíduos aos ditames estabelecidos. Repete todos os dias os mesmos cacoetes e recursos metodológicos em sua cadência decadente, considera-se detentor do saber.

O professor dá aulas previsíveis e insípidas, frias e desencantadas, percorre os caminhos já feitos, mais fáceis e cômodos, transmite saber. Ele dita conteúdos para que os alunos copiem e assimilem de modo reflexo. O professor reduz aos muros e muralhas da escola, da sala de aula. Busca as competências técnicas e teóricas, a inteligência cognitiva.

Já o perfil descrito da professora 2, mais experiente profissionalmente, é de uma postura de educador, estes abraçam a tarefa de educadores nas práticas educativas realizam-nas como experiências teórico-vivencial que nutrem com os saberes instituídos, mas procuram recriá-los e (re)significá-los buscando atingir os caminhos mais vastos da sabedoria. Assim a educação vislumbra muito mais que a instrução para papéis e funções sociais; propõe a conduzir os indivíduos para a formação dos ser: corpo/emoção e mente/espírito.

O educador leva o aluno a busca da globalidade, conduz a vocação, passa pelo instituído e busca instituir novos saberes. Procura rasgar os papéis que empacotam os mesmos, instigando o espírito criador e transgressivo, reinventa seus procedimentos, renovando com o aprendizado de cada experiência vivida. Concebe-se aprendiz inacabado.

O educador tece aulas imprevisíveis, ruminando o saber com sabor, convertendo-as em vivências vivas e encantantes. Ultrapassa as receitas e move-se pelas buscas dinâmicas da criação constante. O educador articula múltiplas referências em possibilidades abertas, em incertezas. Transpõem-se os limites, muros e muralhas da escola, da sala de aula trespassando os horizontes.

O educador busca as competências técnicas e teóricas, mas principalmente as competências éticas, as inteligências cognitiva, intuitiva e emocional. "O bom professor não é aquele que soluciona os problemas, mas justamente o que ensina os alunos a problematizarem". Ricardo Prado. Esse bom professor é um educador que prima pelos princípios da tolerância, da ética da solidariedade e da escuta sensível.

CONCLUSÃO

A educação é um fenômeno ambíguo. Não basta que exista educação para que um povo tenha seu destino garantido. É preciso determinar o teor educacional para que saiba em que direção está caminhando ou deixando de caminhar uma nação. E nada melhor que um bom mestre como instrutor.

BIBLIOGRAFIA

DUARTE JÚNIOR, João Francisco. **Fundamentos estéticos da educação**. 2. ed. Campinas: Papirus, 1988.

PIMENTA, Selma. **O estágio na formação dos professores: unidade, teoria e prática?** São Paulo: Cortez, 1994.

Como citar:

SOUZA, Ariadna de. A postura do professor e a postura do educador. In: **Revista Metáfora Educacional** (ISSN 1809-2705) – versão *on-line*, n. 2 (jul. - dez. 2005), Feira de Santana, dez./2005. p. 12-17. Disponível em: <<http://www.valdeci.bio.br/revista.html>>. Acesso em: DIA mês ANO.